Livro digital

Noções de Didática

Christine Meyrelles Felipe da Fonseca

Especialização em Práticas Assertivas em Didática e Gestão da Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos

PROEJA

Pós-Graduação *Lato Sensu* em Educação a Distância

Noções de Didática

Christine Meyrelles Felipe da Fonseca

editoraifrn

Presidente da República
Jair Messias Bolsonaro

Ministro da Educação
Abraham Weintraub

Secretário de Educação Profissional e Tecnológica
Ariosto Antunes Culau

INSTITUTO FEDERAL
Rio Grande do Norte

Reitor
Wyllys Abel Farkatt Tabosa

Pró-Reitor de Pesquisa e Inovação
Márcio Adriano de Azevedo

Coordenadora da Editora IFRN
Kadydja Karla Nascimento Chagas

Editora IFRN | Conselho Editorial

Albino Oliveira Nunes
Ana Paula Borba Costa
Anderson Luiz Pinheiro de Oliveira
Anisia Karla de Lima Galvão
Carla Katarina de Monteiro Marques
Cláudia Battestin
Emiliana Souza Soares Fernandes
Fabrícia Abrantes Figueredo da Rocha
Francinaide de Lima Silva Nascimento
Fábio Alexandre Araújo dos Santos
Genoveva Vargas Solar
Jose Geraldo Bezerra Galvão Junior
José Augusto Pacheco
José Everaldo Pereira
Jozilene de Souza
Jussara Benvindo Neri
Kadydja Karla Nascimento Chagas
Lenina Lopes Soares Silva
Luciana Maria Araújo Rabelo
Maria da Conceição de Almeida
Márcio Adriano de Azevedo
Nadir Arruda Skeete
Paulo de Macedo Caldas Neto
Ramon Evangelista dos Anjos Paiva
Regia Lúcia Lopes
Rejane Bezerra Barros
Rodrigo Luiz Silva Pessoa
Silvia Regina Pereira de Mendonca
Wyllys Abel Farkatt Tabosa

Equipe | Material Didático Projeto PROEJA

Coordenador
Otávio Augusto de Araújo Tavares

Projeto Gráfico
Ivana Lima

Design Gráfico
Andrei Gurgel
Carol Costa
Eriwelton Paz
Felipe Câmara
Mariana Brito

Design Instrucional
Ivana Lima

Revisão Linguística
João Batista de Morais Neto
Marília Gonçalves Borges Silveira
Valeska Limeira Azevedo Gomes

Revisão ABNT
Carlos Moisés de Oliveira
Sandra Nery da Silva Bigois

Revisão Técnico-Científica
Ivoneide Bezerra de A. S. Marques
Jose Mateus do Nascimento

F676n

Fonseca, Christine Meyrelles Felipe da.
Noções de Didática (livro eletrônico) / Christine Meyrelles Felipe da Fonseca. – Natal : IFRN, 2020.
17.500 Kb ; PDF. il. color.

ISBN: 978-65-86293-44-9 (recurso eletrônico)
Inclui referências
Material didático da Especialização em Práticas Assertivas em Didática e Gestão da Educação Profissional integrada à EJA.

1. Didática – Noções. 2. Ensino - Método. 3. Formação docente. I. Título.

CDU 37.02

Catalogação na Publicação elaborada pela Bibliotecária Sandra Nery da Silva Bigois CRB15: 439
Biblioteca Sebastião Názaro do Nascimento (BSNN) – Campus Zona Leste / IFRN.

editoraifrn

Contato
Endereço: Rua Dr. Nilo Bezerra Ramalho, 1692, Tirol.
CEP: 59015-300, Natal-RN.
Fone: (84) 4005-0763 I E-mail: editora@ifrn.edu.br

Prefixo editorial: 94137
Linha Editorial: Ciências Humanas
Disponível para *download* em:
http://memoria.ifrn.edu.br

CC BY NC SA

Sumário

Apresentação 7

Palavras da professora-autora 11

Roteiro de estudo 13

Mapa conceitual 14

Introdução 16

Currículo sintético da professora-autora 18

UNIDADE I

Didática: sua origem e evolução histórica

Objetivo de aprendizagem 21

Conteúdo e seus desdobramentos 25

Para começo de conversa 25

Afinal, o que é Didática? 27

Síntese da unidade 41

Leituras complementares 42

Avaliação de aprendizagem 44

UNIDADE II

A Didática e as Tendências Pedagógicas

Objetivo de aprendizagem 46

Conteúdo e seus desdobramentos 48

Para começo de conversa 48

Pedagogia Liberal 52

Pedagogia Liberal Tradicional 53

Pedagogia Liberal Renovada Progressivista 55

Pedagogia Liberal Renovada Não-Diretiva 58

Pedagogia Liberal Tecnicista 60

Pedagogia Progressista 63

Pedagogia Progressista Libertadora 63

Pedagogia Progressista Libertária 65

Pedagogia Progressista Crítico-Social dos Conteúdos ou Histórico-Crítica 67

Síntese da unidade 70

Leituras complementares 71

Avaliação de aprendizagem 72

UNIDADE III

A função social do ensino e a concepção sobre os processos de ensino-aprendizagem

Objetivo de aprendizagem 75

O planejamento e seus elementos constitutivos 88

- Objetivos 89
- Conteúdos 93
- Método 96
- Avaliação 98

Síntese da unidade 102

Leituras complementares 103

Avaliação de aprendizagem 103

Referências 106

Glossário 108

Apresentação

O presente material didático é destinado aos alunos do Curso de Especialização em Práticas Assertivas da Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos. Como recurso didático, este material foi produzido para subsidiá-los pedagogicamente no desenvolvimento das atividades do curso, favorecer sua aprendizagem e contribuir com a sua formação profissional. Esperamos com isso que essa formação se reverbere na melhoria da qualidade da educação ofertada a jovens, adultos e idosos em nossas escolas.

O referido curso é resultado de uma parceria estabelecida entre o Campus EaD/IFRN[1] com a SETEC/MEC por meio do Contrato nº. 160/2017 FUNCERN/IFRN. O projeto do curso foi aprovado pela Deliberação nº. 14/2018-CONSEPEX/IFRN, de 26/07/2018, e pela Resolução nº. 25/2018-CONSUP/IFRN, de 17/08/2018. O material foi produzido e organizado por disciplina, de modo que cada uma das disciplinas do

[1] De acordo com a Portaria do MEC nº 1438 de 28/12/2018, o antigo Campus EaD adquiriu status de Campus avançado Zona Leste.

curso tem o seu próprio livro, o qual está dividido em Unidades Didáticas, planificadas a partir do conteúdo selecionado na ementa de cada componente que compõe a grade curricular do curso.

A partir da implantação de cursos de educação básica, integrados e ou concomitantes com a Educação Profissional em nível de formação inicial e continuada e técnico de nível médio para o público de jovens e adultos, evidenciou-se a necessidade de serem desenvolvidas ações para a formação de profissionais que atuam nas redes de ensino federal, estadual e municipal, de forma a colaborar no processo de inclusão, permanência e êxito de jovens e adultos nas escolas públicas brasileiras.

De acordo com o Censo Escolar do INEP de 2017[2], no Brasil, a modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA) apresenta um quantitativo de 3,6 milhões de alunos no ensino fundamental e médio, evidenciando um aumento significativo de 3,5% no ensino médio. Na educação profissional, o país contou com 1,8 milhão de alunos matriculados nesse mesmo ano com 58,8% frequentando escolas públicas. A educação técnica de nível médio aumentou de 0,9% em 2017 e, na rede pública, representou um crescimento de 2,2%. Essa realidade aponta a necessidade de investimentos em formação de

[2] http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/inep-mec-

profissionais capacitados para atuarem como docentes e gestores na EJA, contribuindo para que não seja ampliada a evasão dos alunos nessa modalidade de ensino.

A fim de contribuir com a superação dessa realidade, este curso de especialização objetiva atingir 1.500 profissionais que atuam nas redes públicas de ensino com a EJA, em 30 polos nas diferentes regiões brasileiras, para que se conte com educadores capacitados que busquem motivar os alunos para diminuir a evasão escolar. Isso se torna possível com um planejamento e execução de atividades que motivem a permanência e o sucesso do aluno, considerando os diferentes contextos vivenciados pela clientela atendida em cada turma/escola. Para isso, a formação continuada de professores e gestores é imprescindível.

Nesse sentido, o desenvolvimento deste curso de especialização contribui para que profissionais da rede federal e das redes estadual e municipal se preparem para atuar na EJA, a partir de dois itinerários formativos: Didática e Gestão da Educação Profissional integrada à Educação de Jovens e Adultos, organizados em quatro módulos que objetivam possibilitar uma base científica e tecnológica comum a docentes e gestores que atuem nessa modalidade de ensino.

Portanto, ao desenvolver ação de docência e de gestão que esteja de acordo com os objetivos da educação básica, utilizando estratégias que levem em consideração as características do público que está sendo atendido, este curso se propõe a contribuir, impactando positivamente no combate à evasão e na garantia da sua permanência na sala de aula, para que o estudante não seja excluído da escola e conclua as etapas da educação básica, integradas ou não com a educação profissional.

Equipe técnico-pedagógica e administrativa do Curso

Palavras da Professora-autora

Olá!

Caro estudante,

Estamos iniciando a disciplina de “Noções de Didática”, uma disciplina fundamental para você que atua ou deseja atuar na formação de jovens e adultos. De forma geral, a disciplina propõe discutir a história e conceitos da Didática perpassando pelas tendências pedagógicas, função social do ensino e concepções dos processos de ensino-aprendizagem como forma de compreender os reflexos e subsidiar as práticas no trabalho com a EJA.

O objeto de estudo da Didática é o ensino, e o trabalho docente baseia-se na instrução, na educação e no ensino como elementos para o desenvolvimento do processo educativo. A Didática, além de possibilitar reflexões acerca dos elementos constitutivos que permeiam a prática docente - objetivos, conteúdos, métodos, baseia-se em fatores sociais e culturais presentes na relação entre ensino e aprendizagem.

Para tanto, pretendemos levar você a uma sala de aula de EJA para ver, observar, compreender e analisar a realidade dessa modalidade de ensino, integrando a teoria estudada no curso e a prática desenvolvida pelos professores na sala de de aula.

Roteiro de estudo

Como você pode observar no Itinerário Formativo, em cada Unidade Didática, indicamos objetivos a serem atingidos. Para que os objetivos sejam alcançados, é importante que haja, por parte de você, aluno (a), uma leitura atenta dos conteúdos apresentados aos nossos propósitos e acompanhamento das leituras básicas e complementares, que também são importantes. Não deixe de pesquisar mais sobre o tema em outros canais de mídia, de acordo com as orientações em hipertexto, para maior aprofundamento. Você pode, ainda, estudar individualmente ou em grupo, reunindo-se com colegas do seu polo sempre que possível. Participe dos fóruns e *chats*. Procure realizar as atividades sugeridas, lembrando dos prazos estabelecidos. Sempre que necessário, recorra ao tutor presencial, ao tutor a distância e ao professor da disciplina. É fundamental, também, que você faça sua síntese crítica sobre as discussões apresentadas no estudo das temáticas.

Mapa conceitual

Com o intuito de facilitar a sua aprendizagem, estruturamos as aulas didaticamente em seções que o conduzirão ao itinerário de estudos. Cada uma dessas seções cumpre um objetivo específico e está articulada com as outras.

A seguir, apresentamos essas seções e as suas funções nas unidades didáticas:

a) Apresentação e objetivos

Expressa, de maneira resumida, os conteúdos a serem estudados e os objetivos de aprendizagem a serem atingidos em cada Unidade Didática.

b) Conteúdos e seus desdobramentos

Desenvolve a temática da aula por meio de discussões sobre os conteúdos.

c) Lembre-se

Apresenta informações complementares importantes para o aluno.

d) Síntese da Unidade

Apresenta um resumo do conteúdo, o qual evidencia pontos importantes tratados na unidade.

e) Leituras complementares

Recomenda leituras tais como artigos, revistas, filmes etc., para você complementar o conteúdo estudado.

f) Avaliação da aprendizagem

Promove uma autoavaliação por meio de reflexões acerca dos conteúdos estudados.

g) Referências

Apresenta as referências bibliográficas que foram utilizadas para a elaboração das unidades didáticas.

Introdução

Noções de Didática é uma disciplina fundamental para que você compreenda as práticas pedagógicas desenvolvidas no processo educativo. Por meio dela, poderemos voltar ao tempo em que éramos estudantes da Educação Básica e relembrar a prática pedagógica de nossos professores. Quantas vezes nos pegamos conversando nos corredores da escola entre amigos, algo como: aquele professor sabe muito, mas não sabe ensinar; aquele outro é muito dinâmico; entretanto, aquele ali tem aulas muito cansativas; e aquele outro não tem didática? Enfim, inúmeros comentários surgiam sobre a prática daqueles professores que, por vezes, não refletiam sobre sua práxis nem oportunizavam uma autoavaliação sobre ela.

Esta disciplina possibilitará refletir não só sobre a prática de nossos antigos professores, mas também dos atuais e futuros. Pois ela nos fornece elementos e reflexões para um bom desempenho docente. Ela nos direciona a questionamentos como: qual o meu papel, enquanto docente, no processo de ensino-aprendizagem? Que objetivos quero alcançar? Que assuntos irei trabalhar? Por que trabalhar esse assunto? Qual a importância de determinado assunto para o aluno? Como posso desenvolver esse assunto?

As respostas para essas inquietações serão pontos de discussão em nossos estudos. Além disso, terão muita relevância para a prática pedagógica de cada um de vocês, pois, ao contrário do que fazíamos nos tempos de estudantes da Educação Básica, em que rotulávamos o professor como bom ou ruim, iremos refletir sobre o fato de a práxis não ter receita pronta, podendo variar de acordo com o tempo e o espaço que nos permitem vivências diferentes.

Para tanto, organizamos a disciplina da seguinte maneira:

Unidade 1 – Didática: sua origem e evolução histórica.

Unidade 2 – A Didática e as tendências pedagógicas.

Unidade 3 – A função social do ensino e a concepção sobre os processos de ensino-aprendizagem.

Currículo sintético da professora-autora

Christine Meyrelles Felipe da Fonseca Mestra em Educação Profissional pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional (IFRN). Especialista em Psicopedagogia: Abordagem Clínica e Institucional, pela Faculdade do Vale do Jaguaribe (FVJ). Licenciada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN) e em Matemática pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). Pesquisadora da linha de pesquisa Formação de Professores e Práticas Pedagógicas - Grupos de pesquisa: ESPECIALIZAÇÃO PROEJA-IFRN (2006-2009): contribuições para a formação e a prática profissional dos egressos; e A Prática

Pedagógica na Educação Profissional a Distância e sua contribuição para a ressignificação dos saberes docentes. As produções científicas são relacionadas à formação de professores na Educação Profissional. Atualmente, é funcionária pública do Estado do Rio Grande do Norte da área da educação, exercendo a função de coordenadora pedagógica.

Noções de Didática

Unidade I

Didática: sua origem e evolução histórica

Christine Meyrelles Felipe da Fonseca

Objetivo de aprendizagem

Olá, caro(a) aluno(a)!

Você está iniciando as aulas da disciplina de Noções de Didática. Trata-se de uma disciplina fundamental para a formação do professor, uma vez que ela nos fornece subsídios teóricos e práticos para a compreensão do processo de ensino e de aprendizagem. Além disso, atentemos para algumas indagações: o que é didática?

Como acontece o processo de ensino-aprendizagem? Qual a relação entre o ensino e a aprendizagem? Essa relação sempre foi considerada? Qual o meu papel nesse processo? Qual a melhor maneira para conduzir esse processo? Essas inquietações terão seus desdobramentos durante as discussões das aulas, buscando analisar, de forma significativa, a prática educativa por meio da ação pedagógica, a didática.

Diante da finalidade e da importância da Didática, definimos alguns passos com o objetivo de nortear as discussões das aulas, que estão divididas da seguinte maneira:

Unidade 1

Didática: sua origem e evolução histórica.

Unidade 2

A Didática e as tendências pedagógicas.

Unidade 3

A função social do ensino e a concepção sobre os processos de ensino e de aprendizagem.

Comecemos, então, o nosso estudo passeando pela Didática, por sua origem e evolução histórica. Nessa trajetória, apresentaremos aspectos históricos e filosóficos da Didática desde sua origem, o que nos levará à compreensão dessas ideias, bem como de reflexos arraigados na educação brasileira.

Assim, os objetivos desta Unidade Didática são:

a) discutir fundamentos filosóficos e epistemológicos que ancoram o conceito de Didática; e
b) analisar a influência dessas ideias na compreensão dos fundamentos da Didática.

Conteúdo e seus desdobramentos

Para começo de conversa

Desde a era primitiva, existem indícios de formas elementares de instrução e aprendizagem. Os ensinamentos e rituais repassados de pais para filhos para ingressarem na vida adulta são exemplos da representação inicial de uma ação pedagógica, embora, até então, não didática.

Figura 1 – Sala de aula.

Fonte: Ilustrado por Eriwelton Paz/Proeja, 2018.

Na chamada Antiguidade Clássica (gregos e romanos) e no período medieval, desenvolvem-se, também, formas de ação pedagógica, em escolas, mosteiros, igrejas, universidades (LIBÂNEO, 1994, p. 57). Os religiosos como monges, rabinos, sacerdotes embasavam suas metodologias de ensino por meio de uma rotina baseada na fé.

Mesmo esses religiosos desenvolvendo uma ação pedagógica intencional, nesse período, ainda não se podia considerar a Didática como teoria do ensino, pois, apesar de intencional, as formas de intervenção ainda eram espontâneas e não existia uma ação sistematizada e estudos científicos nas formas de ensinar. A Didática passa, então, a se destacar quando os adultos começam a intervir na aprendizagem das crianças, por meio de uma ação deliberada e planejada. Assim, entende-se que

> Estabelecendo-se uma intenção propriamente pedagógica na atividade de ensino, a escola se torna mais uma instituição, o processo de ensino passa a ser sistematizado conforme níveis, tendo em vista a adequação às possibilidades das crianças, às idades e ritmo de assimilação (LIBÂNEO, 1994, p. 58).

Com isso, podemos concluir que a história da Didática está relacionada ao surgimento do ensino como atividade pedagógica planejada e intencional, que se desenrola de acordo com o desenvolvimento da sociedade, da ciência e da produção (LIBÂNEO, 1994).

Afinal, o que é Didática?

Quando perguntamos o que é Didática, logo nos apresentam ideias como as seguintes: são técnicas de ensino; são métodos que, auxiliados a instrumentos de ensino, facilitam a prática do docente.

O termo tem origem do grego *didaktiké* e a técnica foi instituída no século XVI como uma ciência reguladora do ensino. Assim, a própria epistemologia da palavra apresenta uma perspectiva normativa e prescritiva de métodos e técnicas de ensinar.

Na verdade, buscar uma definição objetiva de Didática não é uma tarefa simples. Vejamos o que pensam alguns autores. Para Libâneo (1994, p. 25-26):

> A Didática é o principal ramo de estudos da Pedagogia. Ela investiga os fundamentos, as condições e os modos de realização da instrução e do ensino. A ela cabe converter objetivos sócio-políticos e pedagógicos em objetivos de ensino, selecionar conteúdos e métodos em função desses objetivos, estabelecer vínculos entre ensino e aprendizagem, tendo em vista o desenvolvimento das capacidades mentais dos alunos.

Já Masetto (1997, p. 13) diz que

> a Didática, para nós, é uma reflexão sistemática sobre o processo de ensino-aprendizagem que acontece na escola e na aula, buscando alternativas para problemas da prática pedagógica.

Piletti (2010, p. 55), outro estudioso da educação, define Didática como:

> [...] o ramo específico da Pedagogia que tem como objetivo dirigir tecnicamente o ensino em direção à aprendizagem, ou seja, a Didática é a parte da Pedagogia que tem como objeto de estudo o ensino e sua relação com a aprendizagem.

Esses conceitos nos ajudam a construir um entendimento sobre o que vem a ser Didática. Apesar de definições não acabadas, podemos perceber a relação, sobretudo nas formas de ensinar, entre a Didática e a Educação. Observamos, também, que a Didática estuda questões referentes à prática pedagógica, possíveis situações-problema que podem se apresentar em meio a essa prática buscando estratégias de como saná-las.

As definições apresentadas não surgiram de uma hora para outra, muito pelo contrário, foram sofrendo mudanças com o passar do tempo. Durante o século XVII, a Didática que era vista, até então, como teoria do ensino, passa a ter um caráter pedagógico, definido por João Amós Comenius (1592-1670), após consolidar suas ideias em um livro intitulado de "Didática Magna" (1649). A partir desse trabalho, a teoria da Didática passa a investigar as relações existentes entre ensino e aprendizagem, analisando formas específicas de ensinar, visando a alcançar melhores resultados.

Comenius foi pioneiro na proposta de uma educação democrática, em que construiu uma pansofia, isto é, um método universal de "ensinar tudo a todos". Para ele, a escola é considerada um espaço privilegiado

e específico para a educação, isto é, base para a formação da sociedade. Sobre esse aspecto, argumentava:

> Se, portanto, queremos Igrejas e Estados bem ordenados e florescentes e boas administrações, primeiro que tudo ordenemos as escolas e façamo-las florescer, a fim de que sejam verdadeiras e vivas oficinas de homens e viveiros eclesiásticos, políticos e econômicos. Assim facilmente atingiremos o nosso objetivo; doutro modo, nunca o atingiremos (COMENIUS, 1996, p. 71).

Diante dessa responsabilidade da escola, Comenius pensou o que se devia ensinar nesse espaço e como ensinar. Para o autor, a educação é universal e o saber deve abranger a todos em sua totalidade. Elaborou uma proposta para a educação desde a pré-escola, defendendo a necessidade da educação das crianças em idade tenra. Acreditava que o lugar apropriado para a realização do trabalho educativo era a escola, onde a assimilação do conhecimento deveria acontecer por meio da observação dos fenômenos e através da percepção sensorial e, claro, respeitando as fases de desenvolvimento.

João Amós Comenius[1] (1592 - 1670) foi cientista, escritor checo, professor, pastor e reformador. Considerado o fundador da Didática Moderna, sistematizada por sua principal obra Didática Magna, através da qual impulsionou a teoria do ensino por meio da ideia de "ensinar tudo a todos", propondo um sistema de ensino articulado, difundindo o conhecimento e criando princípios e regras para o ensino.

Como podemos observar, Comenius impulsionou algumas mudanças para a teoria do ensino. Porém, essas mudanças demoraram a apresentar resultados, ainda mais levando em consideração o contexto da época, no qual ainda predominava um ensino intelectualista, verbalista e dogmático. Apesar das transformações consideráveis no ensino, algumas crenças continuaram sendo replicadas, tais como:

[1] Imagem de João Amós Comenius ilustrada por Eriwelton Paz/Proeja, 2018.

o ensino enciclopédico e mecânico; o caráter transmissor do ensino; a não consideração do conhecimento prévio do aluno; o ensino sem funcionalidade para a vida; pois, embora respeitasse o nível do desenvolvimento infantil, mantinha um método único e simultâneo para todos. Ademais, a concepção de que as percepções sensoriais eram a única via de acesso ao conhecimento não era suficiente.

Enquanto isso, as transformações continuaram acontecendo na sociedade, as formas de produção, bem como o avanço da tecnologia e da ciência, exigiam novas formas de ensino, que atendessem às necessidades do mercado, ao mesmo tempo que contemplassem o desenvolvimento das capacidades dos alunos.

Em meio à conjuntura do século XVIII, época das luzes, considerada como era iluminada pela razão, pela ciência e pelo respeito à humanidade, surge Jean Jacques Rousseau, pensador que buscou atender aos anseios que emergiam propondo uma nova concepção de ensino, baseada nas necessidades e interesses imediatos das crianças.

Jean Jacques Rousseau[2] (1712 - 1778) foi um importante filósofo social, teórico, político e escritor suíço. Um dos influenciadores principais da formação do pensamento político e educacional moderno. Para Rousseau, na natureza não há bem ou mal, pois a moral é uma convenção criada socialmente. Ele foi um pensador que buscou atender aos anseios da época. Por isso, propôs uma nova concepção do ensino embasada nas necessidades e nos interesses da criança. Suas principais obras foram o Contrato Social e Emílio.

Confira as duas ideias mais importantes de Rousseau elencadas abaixo.

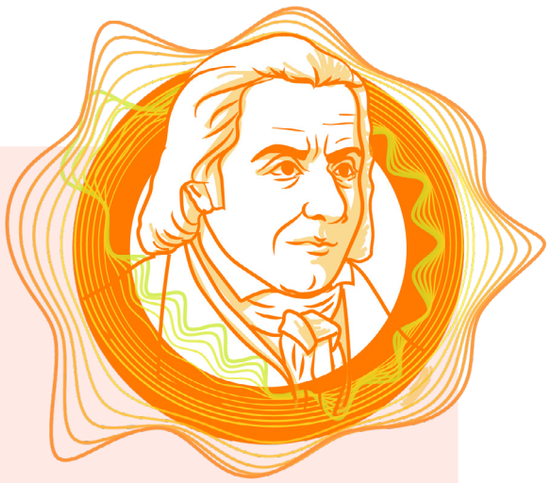
a) A preparação da criança para a vida futura baseava-se no estudo que correspondia às necessidades e aos interesses atuais. Antes de ensinar as ciências, elas precisavam despertar o gosto pelo estudo.

[2] Imagem de Jean Jacques Rousseau ilustrada por Eriwelton Paz/Proeja, 2018.

b) Os verdadeiros professores eram a natureza, a experiência e o sentimento. O contato da criança com o mundo que a cerca desperta o interesse e suas potencialidades eram consideradas naturais.

c) A educação era vista como um processo natural, fundamentado no desenvolvimento interno do educando. As crianças eram consideradas boas por natureza e tinham uma tendência natural para se desenvolverem.

Apesar de Rousseau ter trazido muitas contribuições, as suas ideias não foram colocadas em prática nem elaborada uma teoria de ensino como a de Comenius. Essa incumbência foi realizada por outro estudioso, o pedagogo suíço Henrique Pestalozzi (1746 - 1827), que dedicou sua vida à educação das crianças pobres, atribuindo notável importância ao ensino como meio de educação e desenvolvimento das capacidades humanas, do cultivo do sentimento, da mente e do caráter.



Johann Heinrich Pestalozzi[3] (1746 - 1827) nasceu em Zurique, na Suíça, foi criado por sua mãe com muitas dificuldades de sobrevivência, as quais o fortaleceram. Dedicou-se a ensinar crianças pobres em instituições dirigidas por ele próprio. Pestalozzi idealizava uma escola que fosse a extensão do ambiente familiar, que cultivasse o sentimento, o amor, pois, segundo ele, o amor desencadeia o processo de autoeducação. Na contemporaneidade, quando discutimos ciência, método, teoria, talvez o amor não seja a primeira palavra que venha à mente, mas o afeto apresenta papel fundamental na Pedagogia Moderna, lançada a partir das obras de diferentes pensadores. Pestalozzi foi quem deu maior importância ao amor.

Pestalozzi buscava um método que garantisse o desenvolvimento harmonioso do aluno, almejando as melhores estratégias de ensino, nas mais variadas áreas da vida do educando.

[3] Imagem de Johann Heinrich Pestalozzi ilustrada por Eriwelton Paz/Proeja, 2018.

Para tanto, era necessário investir tempo em pesquisa e avaliação dos melhores meios para ensinar o ser humano a tornar-se verdadeiramente humano.

O estudioso compreendia que o aluno deveria ter uma formação integral na intenção de construir sua personalidade individual. O método privilegiado por Pestalozzi era o método intuitivo, que se pautava na observação de objetos e fenômenos da natureza e na capacidade de observar e expressar, por meio da linguagem, a compreensão do que foi observado.

As ideias defendidas por Comenius, Rousseau e Pestalozzi influenciaram muitos outros estudiosos da Pedagogia. Um deles foi Johann Friedrich Herbart (1766 – 1841), que trouxe contribuições significativas para a Didática e para a prática docente.

Johann Friedrich Herbart[4] (1776-1841) nasceu em Oldemburgo, na Alemanha. Foi filósofo, psicólogo e pedagogista. Herbat trouxe grandes contribuições à Pedagogia como ciência, atribuindo a ela mais rigor, organização, sistematização e certa cientificidade ao seu método, tornando-o um procedimento com os fins claros e os meios definidos.

Herbart trouxe para o ensino a ideia de educação como ciência e desenvolveu uma análise do processo psicológico didático de aquisição do conhecimento sob a direção do professor. Para ele, o fim da educação era a moralidade, tendo em vista que a educação era processo de formação do homem. Então, caberia a ela transmitir valores que orientassem a uma conduta (conduta do bem).

4 Imagem de Johann Friedrich Herbart ilustrada por Eriwelton Paz/Proeja, 2018.

Desse modo, para Herbart, educar o homem significava instruir para querer o bem, e o professor, por sua vez, seria o arquiteto da mente dos alunos, isto é, conduziria as ideias corretas à mente dos educandos.

Para tanto, formulou um método único de ensino, de acordo com as leis psicológicas do conhecimento. Assim sendo, determinou quatro passos didáticos a serem rigorosamente seguidos, são eles:

4. clareza - preparar o aluno para a recepção do assunto e para a apresentação do conhecimento de maneira que perceba, com clareza, as ideias adquiridas com relação às ideias novas;

5. associação - reunir e comparar ideias novas entre si e as já adquiridas anteriormente;

6. sistematização - sistematizar o conhecimento, tendo em vista a generalização;

7. aplicação - utilização do conhecimento adquirido através de exercícios e/ou práticas do que foi aprendido.

Posteriormente, os seguidores de Herbart, conhecidos como herbartianos, desenvolveram e adicionaram mais uma proposta aos passos formais, que passaram a totalizar cinco, ordenados da seguinte maneira: preparação, apresentação, assimilação, generalização e aplicação.

Podemos concluir que o método[5] de Herbart e de seus seguidores trouxe as seguintes contribuições válidas para a organização da prática docente:

a) necessidade de estruturar e ordenar o processo de ensino;

b) exigência da compreensão do conteúdo estudado;

c) a relevância de planejar e avaliar;

d) a importância do método;

e) saber o significado educativo da disciplina lecionada na formação do caráter do aluno.

---

5 Método é um conjunto de procedimentos que engloba regras básicas e etapas a serem seguidas, como forma de organizar o trabalho realizado. O método formulado por Herbart é um método único de ensino com o intuito de sistematizar passos didáticos a serem rigorosamente seguidos. Para ele, o método de instrução favorece ao professor caminhos para o ensino e o desenvolvimento da aprendizagem do aluno.

Sob essa ótica, apesar de significativas contribuições, percebemos que a configuração do ensino era vista como transmissão do conhecimento do professor para a cabeça dos alunos, num processo em que os alunos devem compreender o que o professor ensina, mas apenas com o objetivo de reproduzir a matéria ensinada. Nesse sentido, a aprendizagem torna-se um processo mecânico e automático que não estimula a reflexão, a análise e a criatividade do estudante, tornando-o um ser passivo no meio em que vive.

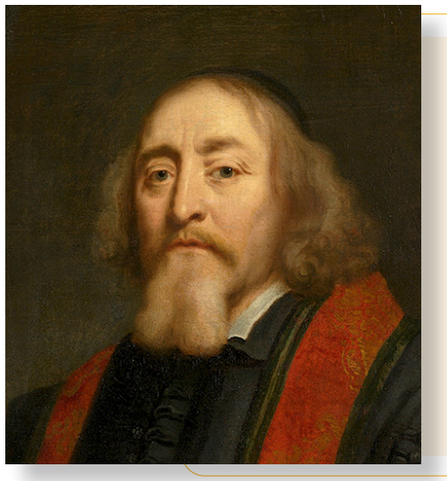
De forma geral, as ideias pedagógicas de Comenius, Rousseau, Pestalozzi e Herbart, dentre muitos outros estudiosos não mencionados, formaram a base do pensamento pedagógico europeu, disseminado, posteriormente, pelo mundo, demarcando concepções pedagógicas conhecidas no contexto educacional como Pedagogia Tradicional e Pedagogia Renovada, as quais discutiremos na unidade II.

Síntese da unidade

Nesta Unidade, aprendemos que a Didática surge como teoria do ensino, dando subsídio à formação de professores, uma vez que oferece fundamentos à prática docente. Conhecendo os movimentos importantes de vários estudiosos, vimos as mudanças que trouxeram para a metodologia e para as técnicas de ensino. Dentre eles, Comenius, denominado o pai da Didática, percebeu que o ensino se justificava na arte de ensinar tudo a todos. Logo depois, estudamos Rousseau, defensor da filosofia de que o homem era bom, sendo sua relação com os grupos sociais que o corrompia. Em seguida, vimos Pestalozzi, defensor de que a principal função do ensino era levar as crianças a desenvolver suas habilidades naturais e inatas, com base no trabalho afetivo. Esses autores trouxeram significativas contribuições para o ensino, entretanto foram as ações pedagógicas de Herbart que sistematizaram o ensino e a prática docente. Além disso, muitas dessas ações ainda se configuram nos dias atuais.

Leituras complementares

Figura 02 – Comenius.



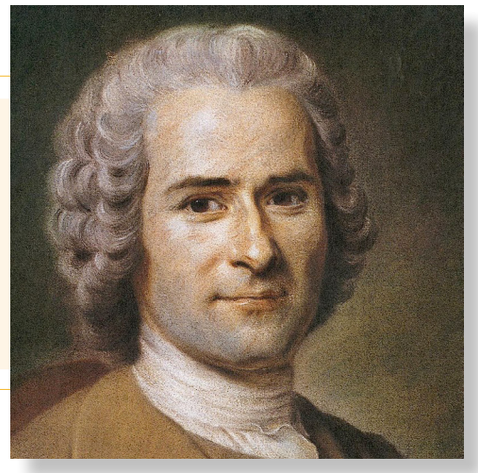
Fonte: Jürgen Ovens (artista), entre 1650 e 1670. Wikimedia Commons (arquivo digital), 2014.

Didática Magna, obra mais importante de Comenius, marca o início da sistematização da Pedagogia e da Didática. O livro propõe uma série de princípios e ações educativas, os quais, acreditava o autor, tornam o homem apto a ensinar tudo a todos.
Acesse: http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/didaticamagna.html.

Um pouco mais sobre Rousseau:

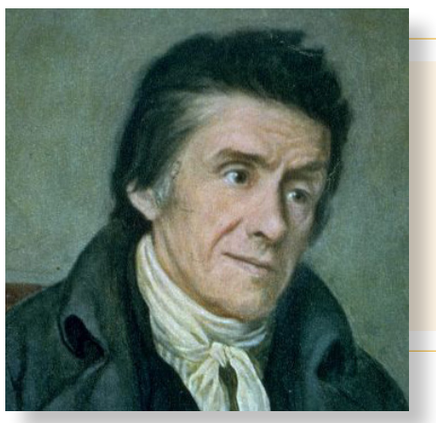
https://novaescola.org.br/conteudo/458/filosofo-liberdade-como-valor-supremo, 2018.

Figura 03 – Rousseau.



Fonte: Maurice Quentin de La Tour (artista), 1753. Wikimedia Commons (arquivo digital), 2012.

Figura 04 – Pestalozzi.



Fonte: F.G.A. Schöner (artista), 1808. Wikimedia Commons (arquivo digital), 2006.

Um pouco mais sobre Pestalozzi:

https://novaescola.org.br/conteudo/1941/pestalozzi-o-teorico-que-incorporou-o-afeto-a-sala-de-aula, 2018.

Figura 05 – Herbat.

Fonte: Artista desconhecido. Wikimedia Commons (arquivo digital), 2006.

Vamos estudar um pouco mais sobre Herbart?

https://novaescola.org.br/conteudo/1775/herbart-o-organizador-da-pedagogia-como-ciencia, 2018.

SUGESTÕES DE FILMES

O Sorriso de Monalisa | Escritores da Liberdade | Mentes Perigosas

A Sociedade dos Poetas Mortos | O Clube do Imperador

Avaliação de aprendizagem

Produza um quadro teórico das principais ideias de Comenius, Rousseau, Pestalozzi e Herbart, estabelecendo semelhanças e diferenças entre as ideias desses estudiosos.

Noções de Didática

Unidade II

A Didática e as Tendências Pedagógicas

Christine Meyrelles Felipe da Fonseca

Objetivo de aprendizagem

Na Unidade Didática anterior, aprendemos que a Didática foi se configurando de diferentes formas, de acordo com as transformações ocorridas na sociedade. Além disso, vimos que as ideias pedagógicas de Comenius, Rousseau, Pestalozzi e Herbart, dentre muitos outros estudiosos, embasaram o pensamento pedagógico na Europa, e, somente em seguida, tal pensamento foi se disseminando pelo mundo, demarcando concepções pedagógicas conhecidas hoje, no contexto educacional, como Pedagogia Liberal e Pedagogia Progressista.

Nesta unidade, focalizaremos as relações dessas concepções pedagógicas no Brasil.

Os objetivos desta Unidade Didática são:

a) compreender a evolução histórica das tendências pedagógicas brasileiras, refletindo acerca das diferentes dimensões para a organização do trabalho docente;

b) conhecer as principais características das tendências pedagógicas brasileiras;

c) identificar, a partir das tendências, os determinantes históricos do fazer docente;

d) entender que o projeto de educação, a forma de organização de funcionamento da escola, bem como a ação didática dos professores assumem diferentes propósitos no decorrer do tempo.

Conteúdo e seus desdobramentos

Para começo de conversa

> Só aprende aquele que se apropria do aprendido, transformando-o em apreendido, com o que pode, por isso mesmo, reinventá-lo; aquele que é capaz de aplicar o aprendido-apreendido a situações existentes concretas (FREIRE, 2000).

Você sabia que a educação, a organização e o funcionamento da escola, bem como a ação didática docente, assumem diferentes formas no decorrer do tempo? Pois é...

É importante apreender que o projeto de educação, a forma de organização de funcionamento da escola, bem como a ação didática dos professores assumem diferentes formas no decorrer do tempo. Por vezes, apresentam mudanças substanciais, noutras, apenas superficiais. São enfoques, movimentos, formatos, tendências, correntes, abordagens diferenciadas sobre a educação e a prática pedagógica, segundo um aporte teórico hegemônico em cada momento e lugar (FARIAS *et al.*, 2009).

Esse aporte teórico, segundo Saviani (1985, p. 19), é

> Um conjunto de ideias, valores, conceitos de homem e de sociedade que ancoram formas de interpretação e de definição de rumos para o processo educativo. Estas proposições têm concebido diferentes tendências, isto é, 'orientações gerais à luz das quais e no seio das quais se desenvolvem determinadas orientações específicas'.

No campo educacional, essas orientações são denominadas de tendências pedagógicas que, por meio de estudos da Pedagogia no Brasil, passaram por um reavivamento, a partir das investigações e de discussões sobre a educação. Nos últimos anos, houve um enfoque, notadamente, em estudos da História da Didática no Brasil e de suas relações com as tendências pedagógicas. Essas tendências foram classificadas por Libâneo (1990) em dois grupos, quais sejam:

Quadro 01 – Classificação da Pedagogia segundo Libâneo.

PEDAGOGIA LIBERAL	PEDAGOGIA PROGRESSISTA
Pedagogia Tradicional	Pedagogia Libertadora
Pedagogia Renovada Progressista	Pedagogia Libertária
Pedagogia Não-diretiva	Pedagogia Crítico-social dos Conteúdos
Pedagogia Tecnicista	

Fonte: Libâneo, 1994.

Para efeito didático, vamos organizar a discussão em dois blocos: Pedagogia Liberal e Pedagogia Progressista. Cada um desses blocos apresentará, então, suas respectivas tendências pedagógicas. Em meio ao estudo, vocês irão perceber que, apesar de fazermos uso dessa organização sequencial e histórica, as tendências, necessariamente, não se apresentam de forma estanque e sequenciada. Desse modo, assim como a educação é uma prática social, histórica e dinâmica, as tendências também são. Em outras palavras, sua materialização não acontece de forma rígida - há momentos que se completam, outros que divergem entre si. Logo, “o despontar de uma não significa, necessariamente, o silenciar de outras” (FARIAS *et al.*, 2009, p.19).

Para facilitar ainda mais a compreensão acerca da Pedagogia Liberal e da Pedagogia Progressista, apresentamos um quadro, ao final de cada tendência, com as principais ideias de cada uma.

Vamos, então, começar nossos estudos! Nossa intenção é deixar claro que, nos momentos em que apontarmos a palavra “Pedagogia”, estamos nos referindo às Tendências Pedagógicas conhecidas também, atualmente, como Teorias Pedagógicas.

Pedagogia Liberal

A Pedagogia Liberal surge no século XIX como manifestação do liberalismo e do sistema capitalista. O termo “liberal” configura-se como forma de justificar esse sistema, que defende interesses individuais da sociedade e estabelece a organização baseada na propriedade privada, subdividindo a sociedade em classes.

Essa Pedagogia defende uma escola que prepare o indivíduo para o desempenho de papéis na sociedade, de acordo com as aptidões individuais. Dessa forma, precisa aprender a adaptar-se aos valores e às normas vigentes na sociedade de classes.

Esclarecemos ainda que há uma ênfase no aspecto cultural que esconde a realidade das diferenças de classes, isto é, embora considere a ideia de igualdade de oportunidades, não atenta para a desigualdade de condições dos alunos.

Durante muitos anos, a Pedagogia Liberal predominou no Brasil com suas formas conservadora e tradicional. As Tendências Pedagógicas Liberais que compõem essa Pedagogia são as seguintes: Tradicional,

Renovada Progressivista, Renovada Não-Diretiva e Tecnicista. Vamos discutir cada uma delas a seguir.

Pedagogia Liberal Tradicional

Fonte: Pexels, 2019.

A Pedagogia Tradicional foi a primeira, historicamente, a ser instituída no Brasil. Com ênfase no ensino humanístico, essa Pedagogia tinha metodologia baseada na dimensão da memória, com foco na repetição

de exercícios, nas leituras repetitivas e na memorização de fórmulas e conceitos, o que contribui para um ensino mecânico e passivo. O professor era o centro do processo e o aluno um receptor passivo, que recebia todo o conhecimento como verdades absolutas. Os conteúdos eram fundamentados em conhecimentos e valores sociais acumulados com o passar dos tempos e repassados aos alunos.

O papel da escola, nesse sentido, era transmitir padrões, normas e modelos dominantes, preparando o aluno, intelectual e moralmente, para assumir um papel imposto pela sociedade. Podemos perceber que esse modelo de ensino não possibilita a mobilidade social, o que privilegia camadas mais favorecidas, consequentemente, desprivilegiando os mais pobres.

O Quadro 02 a seguir apresenta, de maneira sucinta, as ideias da Pedagogia Liberal Tradicional.

Quadro 02 – Características da Pedagogia Liberal Tradicional.

PEDAGOGIA LIBERAL TRADICIONAL	
Papel da escola	Transmitir os conteúdos.
Conteúdos	Desvinculados do cotidiano do aluno.
Método de ensino	Exposição verbal da matéria por meios de modelos e de fixação de exercícios.
Relação professor x aluno	Relação vertical e autoritária, em que o professor era o centro e o aluno, um receptor passivo.
Aprendizagem	Educação bancária de armazenamento de informações. A aprendizagem é receptiva e mecânica, não estimulando as capacidades mentais do aluno.

Fonte: Libâneo, 1994.

Pedagogia Liberal Renovada Progressivista

A Pedagogia Renovada dá continuidade à preparação do aluno para assumir seu papel na sociedade vigente, levando-o a adaptar-se às necessidades do meio social em que vive. Entretanto, o papel da escola

passa a ter um novo propósito no que se refere ao processo de ensino. Enquanto na Pedagogia Tradicional a ação pedagógica estava centrada no professor, na Escola Renovada Progressivista defende-se a autoeducação, a ideia de “aprender fazendo”, onde o aluno passa a ser o centro desse processo. Além disso, enquanto antes o ensino era homogêneo, havendo uma metodologia para todos os alunos, agora, consideram-se as fases de desenvolvimento do discente.

Os conteúdos, por sua vez, passam a adequar-se aos interesses, às fases de raciocínio e ao ritmo dos educandos. Nesse sentido, a proposta metodológica é baseada em práticas experimentais, em estudos e em pesquisas do meio social.

Como podemos observar, a aprendizagem é pautada na descoberta, na autoaprendizagem, e o ambiente é o meio estimulador do processo. Nessa concepção, o professor deixa de ser um mero expositor e passa a mediar situações desafiadoras, respeitando as necessidades de cada aluno.

Para compreender melhor as ideias dessa Pedagogia, veja o quadro a seguir:

Quadro 03 – Características da Pedagogia Liberal Renovada Progressista.

PEDAGOGIA LIBERAL RENOVADA PROGRESSIVISTA	
Papel da escola	A escola deve adequar as necessidades individuais ao meio social.
Conteúdos	Estabelecidos a partir das experiências vividas pelos alunos frente aos desafios e às situações-problema.
Método de ensino	Por meio de experiências, pesquisas e situações-problema em que o enfoque seja o aprendizado e não diretamente no ensino.
Relação professor x aluno	O aluno é o centro da atividade, sendo capaz de construir seu próprio conhecimento, sendo o professor o estimulador do desenvolvimento do discente.
Aprendizagem	É baseada na motivação e na estimulação de problemas, da pesquisa e da investigação.

Fonte: Libâneo, 1994.

Pedagogia Liberal Renovada Não-Diretiva

A Pedagogia Renovada Não-Diretiva tem seus fundamentos na teoria de Carl Roger. Essa tendência defende o papel da escola na formação de atitudes dos alunos, em que as ações estariam centralizadas no processo de desenvolvimento. Nesse sentido, a escola deve se preocupar mais com problemas de ordem psicológica do que com as questões de natureza essencialmente pedagógicas e sociais.

A aprendizagem deve favorecer uma mudança do próprio aluno, a partir de um esforço constante do educando. O objetivo, então, é proporcionar a adequação pessoal às exigências do meio ambiente. Desse modo, essa tendência advoga que aprender é modificar suas próprias percepções, ou seja, só é possível aprender o que estiver significativamente relacionado às percepções.

O ensino, por sua vez, é centrado no aluno. Assim, o professor é apenas um facilitador diante do processo de adaptação ao meio, buscando motivar e articular os alunos na busca de novas informações.

Naturalmente, essa Pedagogia sofre algumas críticas. Primeiro, por considerar o ensino pouco importante, tendo em vista que a transmissão dos conteúdos fica em segundo plano. O enfoque, nesse caso, é o

autodesenvolvimento das relações e da comunicação. Segundo, por ser uma Pedagogia não planejada e não politizadora.

Observe o quadro abaixo como forma de organizar melhor as ideias acerca da Pedagogia Renovada Não-Diretiva.

Quadro 04 – Características da Pedagogia Liberal Renovada Não-Diretiva.

PEDAGOGIA LIBERAL RENOVADA NÃO DIRETIVA	
Papel da escola	Formação de atitudes, promovendo o autodesenvolvimento.
Conteúdos	Selecionados pelos próprios alunos, baseados no grau de significação pessoal.
Método de ensino	Baseado na facilitação da aprendizagem através de debates, pesquisas, experimentos e estudos do meio.
Relação professor x aluno	Educação centrada no aluno e o professor é o facilitador do processo. O Professor também garante relação de respeito.
Aprendizagem	Promove o autodesenvolvimento por meio das percepções da realidade.

Fonte: Libâneo, 1994.

Pedagogia Liberal Tecnicista

Fonte: Ilustrado por Eriwelton Paz/Proeja, 2019.

A Pedagogia Tecnicista surge nos anos 1950, mas só apresenta destaque no final dos anos 1960, quando as elites dão ênfase a outro tipo de educação, uma educação para preparar mão de obra e atender às exigências do mercado de trabalho, exigências tais que a Escola Renovada passa a não cumprir.

Essa tendência foi inspirada nos princípios behavioristas, corrente comportamentalista organizada por Skinner e fundamentou as Leis 5.540/68 e 5.692/71 da educação.

O tecnicismo é baseado no ensino sistêmico, cuja prática pedagógica controla as ações dos alunos e dos professores, direcionadas por atividades programadas e repetitivas, pré-estabelecidas em manuais. Segundo Pereira (2007, p. 16), o professor era

> concebido como um organizador dos componentes do processo de ensino-aprendizagem (objetivos, seleção de conteúdo, estratégia de ensino, avaliação, etc.), que deveriam ser rigorosamente planejados para garantir resultados instrucionais altamente eficazes e eficientes.

Esse modelo de Pedagogia apresenta uma educação fragmentada com foco na produção demandada pela sociedade capitalista e no modelo industrial em ascensão na década de 1960. Nesse sentido, a educação subordina-se à sociedade capitalista, à medida que assume, como principal tarefa, formar mão de obra “qualificada” para atender às exigências do mercado de trabalho.

Essa organização trouxe algumas consequências perversas para as escolas, como a desvalorização dos saberes trazidos pelos alunos e professores (tendo em vista que os manuais deveriam ser seguidos à risca); a compreensão de que aprender se dá por meio de técnicas (não se configurando como um processo inerente ao ser humano); a visão de que o aluno e o professor são meros reprodutores dos manuais e reféns das técnicas preestabelecidas. O quadro a seguir traz mais informações sobre a Pedagogia Tecnicista.

Quadro 05 – Características da Pedagogia Liberal Tecnicista.

PEDAGOGIA LIBERAL TECNICISTA	
Papel da escola	Formar indivíduos "competentes" para o mercado de trabalho.
Conteúdos	Informações ordenadas numa sequência lógica baseada em manuais.
Método de ensino	Procedimentos e técnicas para a transmissão e recepção de informações, baseados no aprender fazendo. Poucas discussões, cópia, repetição e treino.
Relação professor x aluno	Relação objetiva onde o professor transmite/executa informações e o aluno as fixa.
Aprendizagem	A aprendizagem é baseada no desempenho e avanço nos módulos.

Fonte: Libâneo, 1994.

Pedagogia Progressista

A pedagogia progressista parte de uma análise da realidade social e política de forma crítica, visando à transformação sociopolítica da educação. Apoia-se na crença da possibilidade de reverter a dominação ideológica e a opressão política da ditadura do capital, contribuindo com o processo de transformação social.

Pedagogia Progressista Libertadora

No início dos anos 1980, com a queda do regime militar, educadores mobilizavam-se em busca de uma educação crítica. Assim, surgiu a Pedagogia Libertadora, advinda de movimentos da educação popular que iam de encontro ao autoritarismo e à dominação política e social. Esses movimentos se organizavam através de um método de educação utilizado por Paulo Freire, que proporcionava a valorização de saberes prévios do povo e de suas realidades social e cultural na construção de novos saberes. A Educação Popular visava ainda desenvolver um olhar crítico, por meio do estímulo ao diálogo e à participação, possibilitando, assim, uma leitura sobre a realidade vivenciada.

A característica marcante dessa Pedagogia é a atuação não-formal, por meio da qual os alunos e professores, mediados pela realidade cotidiana, organizam temas geradores para discutir e atingir um nível de consciência sobre essa realidade, com o intuito de transformá-la.

Confira, no Quadro 06, mais ideias sobre a Pedagogia Libertadora.

Quadro 06 – Características da Pedagogia Progressista Libertadora.

PEDAGOGIA PROGRESSISTA LIBERTADORA	
Papel da escola	Ênfase na escola não-formal. Uma escola crítica que visa levar professores e alunos a atingir um nível de consciência da realidade em busca da transformação social.
Conteúdos	Temas geradores extraídos da vida dos alunos.
Método de ensino	Grupos de discussão centrados em debates de temas sociais e políticos.
Relação professor x aluno	Relação horizontal.
Aprendizagem	Resolução das situações-problema vivenciadas.

Fonte: Libâneo, 1994.

Pedagogia Progressista Libertária

A Pedagogia Libertária é baseada na autogestão, buscando superar os limites da burocracia institucional. A ideia era uma escola verdadeiramente democrática, com liberdade de expressão, em que não existisse uma hierarquia de poder.

Essa tendência visava formar a personalidade dos alunos no sentido libertário e autogestionário. Para tanto, a educação, por sua vez, devia estar baseada na participação de grupos e de movimentos sociais, favorecendo os processos de distribuição do poder, por meio de assembleias, reuniões, conselhos, eleições, entre outros mecanismos antiautoritários.

Seguem, de forma resumida, características principais da Pedagogia Libertária.

Quadro 07 – Características da Pedagogia Progressista Libertária.

PEDAGOGIA PROGRESSISTA LIBERTÁRIA	
Papel da escola	Transformação da personalidade num sentido libertário e autogestionário.
Conteúdos	As matérias são colocadas, mas não exigidas.
Método de ensino	Vivência grupal na forma de autogestão e de livre expressão.
Relação professor x aluno	Não diretiva, o professor é orientador e os alunos são livres.
Aprendizagem	Aprendizagem informal - via grupo.

Fonte: Libâneo, 1994.

Pedagogia Progressista Crítico-Social dos Conteúdos ou Histórico-Crítica

A Pedagogia Crítico-Social dos Conteúdos surge com o propósito de valorizar o saber científico, isto é, o conhecimento sistematizado. Apesar de ter função social e política na formação dos indivíduos, assim como as outras tendências, acredita que essa função só está assegurada se houver a difusão do conhecimento sistematizado a todos.

Libâneo (1994) aponta que, para esta Pedagogia, não basta colocar como conteúdo escolar a problemática social da realidade, é preciso dominar os conhecimentos, habilidades e capacidades mentais. Dessa forma, os alunos podem organizar, interpretar e reelaborar suas experiências vividas em função dos interesses de classe.

Libâneo (1994, p. 70) enfatiza ainda que “o que importa é que os conhecimentos sistematizados sejam confrontados com as experiências socioculturais e a vida concreta dos alunos, como meio de aprendizagem e melhor solidez na assimilação dos conteúdos”.

Apresentamos, no Quadro 08, um resumo das ideias sobre a Pedagogia Crítico-Social dos Conteúdos.

Quadro 08 – Características da Pedagogia Crítico-Social dos Conteúdos.

PEDAGOGIA PROGRESSISTA CRÍTICO-SOCIAL DOS CONTEÚDOS	
Papel da escola	Formar para a participação ativa na sociedade.
Conteúdos	Conteúdos culturais e universais que são incorporados pela humanidade frente à realidade social.
Método de ensino	O método parte de uma relação direta da experiência do aluno confrontada com o saber sistematizado.
Relação professor x aluno	Papel do aluno como participador e do professor como mediador entre o saber e o aluno.
Aprendizagem	Baseada nas estruturas cognitivas já estruturadas e na capacidade de processar informações.

Fonte: Libâneo, 1994.

SUGESTÃO DE VÍDEO

Assista ao vídeo para saber mais sobre Paulo Freire e a Pedagogia Libertadora.

Fonte: PEDAGOGIA LIBERTADORA DE PAULO FREIRE. **Barão EaD**. [s. l.]: 2014, 1 vídeo (28m31s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=tVp0UtZBy7A. Acesso em: 20 jan. 2019.

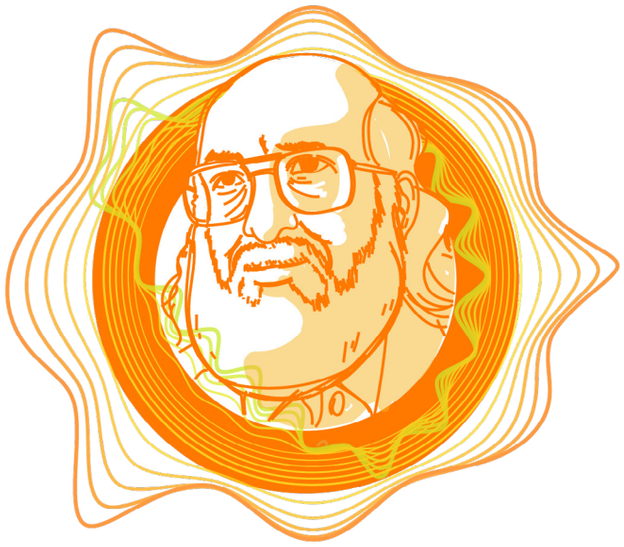
Síntese da unidade

Nesta Unidade Didática, aprendemos diferentes tendências pedagógicas, as quais se dividem em duas correntes: as liberais – Tradicional, Renovada Progressista, Renovada Não-Diretiva e Tecnicista; e as progressistas – Libertadora, Libertária e Crítico-Social dos Conteúdos. Vimos que elas foram se difundindo nos movimentos sociais e que predominaram em determinado tempo e contexto histórico. Entretanto, a difusão de uma não, necessariamente, significa que a outra deixe de existir.

A partir desses estudos, foi possível constatar que as tendências pedagógicas, suas características e concepções norteiam as práticas educativas dos docentes.

Leituras complementares

Paulo Reglus Neves Freire[1] (1921 - 1997) nasceu em Recife, era graduado em Direito e lecionava Língua Portuguesa. Entre os anos de 1947 a 1956 foi assistente e, em seguida, diretor do Departamento de Educação e Cultura SESI/PE. A partir de então, obteve suas primeiras experiências com trabalhadores e seu método foi ganhando consistência no ano de 1961 com o Movimento Popular de Cultura em Recife. Os trabalhos realizados com a Educação Popular deram ênfase a uma nova Pedagogia, a Pedagogia Libertadora, que sustenta uma concepção dialética entre educador e educando, em que ambos aprendem juntos numa relação dinâmica e horizontal. Esse processo de apropriação do conhecimento é mediatizado pela realidade existente, constituindo uma "educação problematizadora", pois, por meio dela, o sujeito atinge um nível de consciência e de libertação de sua condição sociopolítica.



Paulo Freire, o maior representante da Pedagogia Libertadora.

[1] Imagem de Paulo Freire ilustrada por Eriwelton Paz/Proeja, 2018.

Avaliação de aprendizagem

No contexto da sala de aula, muitas vezes, os professores acabam tendo a sua prática pedagógica influenciada por ideias, concepções e teorias das quais eles próprios não têm consciência. Cada professor tem uma dada compreensão sobre o que é o ser humano, o que é ensinar, o que é aprender, qual o ritmo de aprendizagem dos alunos, o que é educação, quais são os conteúdos que devem ser ensinados e qual a melhor metodologia para ensiná-los etc.

O principal problema é que, muitas vezes, essa compreensão dos professores acaba sendo uma interiorização não refletida de determinadas condutas profissionais majoritárias, o que gera a crença de que esta é a maneira "natural" de ensinar, desconhecendo que essas práticas supostamente "naturais" são originadas a partir de determinadas teorias e, portanto, são suscetíveis de serem analisadas, categorizadas e submetidas à revisão crítica.

Assim, **o objetivo deste trabalho de pesquisa é investigar que tendências sustentam a prática educativa do professor, tentando relacionar as concepções do profissional docente**

aos diferentes pensamentos pedagógicos difundidos na Didática do Brasil.

Para tanto, a turma será dividida em várias duplas. Em seguida, **cada dupla deverá se dirigir a uma escola, pedir autorização para observar uma aula e entrevistar um professor**. Deve, então, explicar que o grupo está fazendo uma pesquisa com o objetivo de conhecer o pensamento e a prática do professor na sala de aula. Assim, deve também explicitar que a ideia não é procurar respostas certas ou erradas, apenas refletir sobre as tendências pedagógicas por meio da prática docente.

É importante ter em mente que nós queremos conhecer o pensamento dos professores sobre a situação do ensino-aprendizagem. Sendo assim, não devemos nos satisfazer com respostas muito gerais e vagas. Sempre que isso acontecer, investigue, peça ao professor para falar mais, indague-o, peça para que esclareça melhor, com exemplos.

Por fim, **após ter realizado a entrevista e assistido à aula, observe se sua teoria condiz com a prática. Análise em qual das tendências sua prática pedagógica se encaixa e elabore um relato crítico-reflexivo.**

Noções de Didática

Unidade III

A função social do ensino e a concepção sobre os processos de ensino-aprendizagem

Christine Meyrelles Felipe da Fonseca

Objetivo de aprendizagem

Na Unidade Didática anterior, discutimos sobre as tendências pedagógicas e vimos que, à medida que tais medidas iam sendo formuladas, foram se desencadeando, ao longo do tempo por diferentes teóricos, de acordo com o contexto histórico em que estavam inseridas. Essas tendências, além de contribuírem para o avanço da educação, desenvolveram teorias para nortear a prática pedagógica docente, modelando-a a partir das necessidades de ensino observadas no âmbito social.

Assim, podemos compreender que são essas concepções de ensino que, de uma forma ou de outra, determinam o fazer pedagógico do professor. A compreensão dessas ideias é necessária para entendermos a função social do ensino e as concepções do processo de ensino-aprendizagem que permeiam a prática docente, assunto que estudaremos nesta Unidade Didática.

Para tanto, os objetivos desta Unidade Didática são:

a) analisar a função social do ensino por meio das tendências pedagógicas;
b) refletir acerca das diferentes dimensões para a organização do trabalho docente;
c) compreender a importância dos elementos constitutivos do planejamento para o processo de ensino-aprendizagem.

Conteúdo e seus desdobramentos

Para começar...

A Didática é o principal ramo de estudo da Pedagogia, pois está situada num conjunto de conhecimentos pedagógicos e investiga os fundamentos, as condições e os modos de realização da instrução e do ensino, sendo considerada, portanto, a ciência de ensinar. Nesse contexto, o professor tem como papel principal garantir uma relação didática entre ensino e aprendizagem através da arte de ensinar, pois ambos fazem parte de um mesmo processo.

Lembram o que estudamos nas unidades I e II? Primeiro, discutimos sobre o processo histórico da Didática e seu conceito e, em seguida, acerca das tendências pedagógicas. Ora, precisávamos refletir sobre esse processo para entendermos que o fazer docente se fundamenta por meio dessas concepções que foram se delineando de acordo com o tempo e o espaço.

Precisamos ser conscientes de que

> por trás de qualquer proposta metodológica se esconde uma concepção do valor que se atribui ao ensino, assim como certas ideias mais ou menos formalizadas e explícitas em relação aos processos de ensinar e aprender (ZABALA, 1998, p. 27).

A imagem a seguir representa um modelo de Pedagogia que se destacou na segunda metade do século XX. Esta imagem reordenou o processo educativo tornando-o objetivo e operacional - a Pedagogia Tecnicista.

Figura 09 – Tempos modernos nas escolas.

Fonte: Ilustrado por Eriwelton Paz/Proeja, 2018.

Nos estudos anteriores, enfatizamos essa concepção de ensino, em que o ato de ensinar foi visto, por muito tempo, como transmissão de conteúdo, repetição de exercícios, memorização de conceitos, definições e fórmulas, em que predominava uma visão tecnicista, baseada em uma concepção comportamentalista. O professor, por sua vez, era um operacionalizador de um planejamento preestabelecido. Mas qual é o real papel da escola? Nos tempos de hoje, esse é o cidadão de que o século XXI precisa? Que tipo de cidadão queremos formar? Que tipo de cidadão a escola deve estar preparada para formar? Essas e outras inquietações serão discutidas durante nosso percurso nesta unidade.

Sabemos que ensinar vai muito além da mera atividade de transmitir conhecimentos para que os alunos os reproduzam. Esse tipo de ensino, segundo Libâneo (1994), limita pedagogicamente o indivíduo, subestima e priva o aluno de desenvolver suas potencialidades cognitivas, capacidades e habilidades, não fornecendo ao estudante a independência de pensamento.

Sob essa ótica, o currículo escolar tem suas raízes na educação tradicional, uma educação denominada por Paulo Freire de “bancária”, em que o educador, sendo o detentor do saber, vai depositando o conhecimento nos educandos que, por sua vez, recebem as informações

de forma passiva. Essa concepção de educação conduz a uma formação de indivíduos acomodados, passivos, não questionadores, levando-os a se submeterem à estrutura de poder vigente. Uma massa que não projeta, não reflete, não transforma, não deseja uma sociedade emancipadora e transformadora do seu meio.

Além disso, esse modelo não dá significado ao ensino, em vez disso, advoga que o importante é seguir o que está no livro e dar conta de todo seu conteúdo, utilizando aquela velha ideia falsa de que professor bom é aquele que "bate a capa do livro" ou que atinge todas as etapas a serem cumpridas. Entretanto, precisamos entender que a aprendizagem não está especificamente ligada a vencer o conteúdo do livro, pois o livro é apenas um recurso auxiliar que, por meio da ação do professor, evoca imaginação e significância.

Nessa mesma lógica, a Pedagogia Tecnicista, também tem traços de uma educação baseada no ensino transmissivo e de repasse de informações. Entretanto, enquanto na Pedagogia Tradicional o professor era o centro, na Pedagogia Renovada, o foco passou a ser o aluno. Na Pedagogia Tecnicista, o elemento principal passou a ser a organização racional dos meios, enquanto o professor e o aluno passaram a ter uma posição

secundária, uma vez que o objetivo era formar indivíduos “competentes” para o mercado de trabalho.

Essa visão de ensino não consegue acompanhar o dinamismo da aprendizagem, pois não se preocupa em analisar o que o aluno traz consigo e, por sua vez, não detecta as dificuldades que cada discente apresenta. Além disso, não abre espaço para o diálogo, para a comunicação, para a problematização, para o questionamento e para a reflexão crítica acerca da realidade a que o aluno pertence.

Como podemos observar, as concepções de ensino carregam consigo uma concepção epistemológica arraigada no tempo e no espaço nos quais estão inseridas. Mas também, cabe ao professor o exercício de perceber se a natureza de sua prática corresponde à educação progressista ou conservadora. Entretanto, devemos compreender que “o educador democrático não pode negar-se ao dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão” (FREIRE, 2014, p. 28).

Diante disso, observamos que ensinar vai muito além da mera transmissão de conteúdos. Segundo Libâneo (1994, p. 99), o professor também “educa quando estimula o desejo e o gosto pelo estudo, mostra

o significado dos conhecimentos para a vida e para o trabalho, exige atenção e força de vontade para realizar as tarefas [...]".

Por essa razão, o trabalho docente deve

> compreender ações conjuntas do professor e dos alunos pelas quais estes são estimulados a assimilar, consciente e ativamente, os conteúdos e os métodos, com suas forças intelectuais próprias, bem como a aplicá-los, de forma independente e criativa, nas várias situações escolares e na vida prática (LIBÂNEO, 1994, p. 78).

Sendo assim, a função social do ensino é formar um cidadão independente, crítico e partícipe do meio no qual está inserido, assim a educação deve estar pautada em um processo de formação para a cidadania, emancipação e transformação social dos sujeitos, isto é, estar pautada para uma formação que considere o desenvolvimento do indivíduo em todas as suas dimensões humanas.

Desse modo, para darmos conta de uma formação que englobe um sujeito em sua totalidade ou, em outras palavras, de uma formação para sua integralidade, faz-se necessário termos uma concepção de ensino que parta da análise de uma educação e que reflita acerca da realidade social e política, visando a uma educação transformadora.

Para tanto, como estudamos na unidade anterior, sob essa perspectiva, temos a Pedagogia Progressista, que nos traz as tendências críticas, que visam a um processo educativo com base em atitudes emancipatórias e transformadoras.

De acordo com essa visão, observamos que o ensino tem diferentes caminhos a serem percorridos e que levam a um único objetivo, a aprendizagem. Nesse sentido, como nem todos os alunos conseguem percorrer o mesmo caminho, a construção do aprendizado dependerá das circunstâncias e das experiências que a vida pessoal e escolar proporcionou a cada um. Além do mais, o modo como aprendemos é individual, assim sendo, os fatores psicobiológicos, históricos e ambientais influenciam nesse processo.

Assim, consideramos o pensamento de Paulo Freire, com a proposta da Pedagogia Libertadora, e o de Demerval Saviani, com a proposta da Pedagogia Histórico-Crítica, pois ambas as concepções caracterizam-se por seu caráter dialógico, reflexivo e transformador do sujeito e da sociedade, contribuindo, desse modo, para uma formação humana integral.

Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. As pessoas transformam o mundo.

Paulo Freire[1]

Como podemos ver, ensinar vai muito além de garantir que todos os conteúdos do livro sejam contemplados. Dentro desse processo, o docente precisa criar situações que estimulem o indivíduo a pensar, analisar e relacionar os aspectos estudados com o seu dia a dia, isto é, propor situações reais para que o estudante reflita e analise de acordo com sua realidade.

Desse modo, podemos concluir que a Didática estuda o processo de ensino em sua totalidade, ou seja, os objetivos, conteúdos, métodos e formas de

[1] Imagem de Paulo Freire ilustrada por Eriwelton Paz/Proeja, 2018.

organização, permitindo ao docente criar condições que garantam uma aprendizagem significativa aos alunos, bem como seu desenvolvimento intelectual. Além disso, auxilia o professor na direção que deve percorrer e orienta as tarefas do ensino e da aprendizagem. Assim, a compreensão e o domínio teórico-metodológico do fazer docente demonstram segurança no trabalho do professor.

O trabalho docente, também chamado de atividade pedagógica, tem como objetivos primordiais:

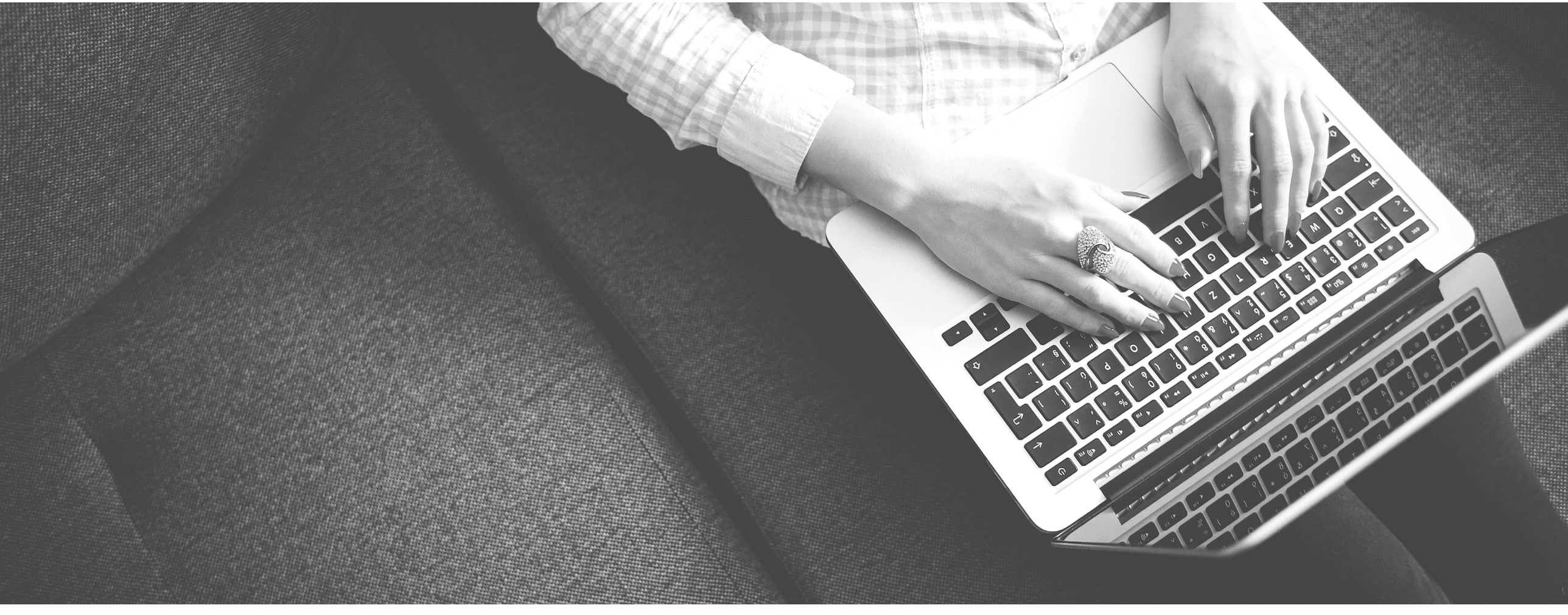
1. assegurar aos alunos o domínio mais seguro e duradouro possível dos conhecimentos científicos;

2. criar as condições e os meios para que os alunos desenvolvam capacidades e habilidades intelectuais de modo que dominem métodos de estudo e de trabalho intelectual visando a sua autonomia no processo de aprendizagem e independência de pensamento;

3. orientar as tarefas de ensino para objetivo educativo de formação da personalidade, isto é, ajudar os alunos a escolherem um caminho na vida, a terem atitudes e convicções que norteiem suas opções diante dos problemas e situações da vida real (LIBÂNEO, 1994, p. 71).

O professor deve garantir a unidade didática entre ensino e aprendizagem, uma vez que ambos são elementos indissociáveis. Além do mais, para garantir que esse processo educativo aconteça de forma eficaz, deve compreender os elementos constitutivos do planejamento.

Assim, para que vocês compreendam melhor, a seguir, iremos discorrer sobre os elementos constitutivos do planejamento e sobre as relações estabelecidas entre eles.



O planejamento e seus elementos constitutivos

Imagine você chegar em sala de aula sem saber o que fazer, sem planejamento, investindo em práticas aleatórias e improvisadas. Já imaginou como seria? Como você conduziria essa aula?

O professor consciente do processo educativo e que aspira a desenvolver um bom trabalho pedagógico com base na Didática, quando entra na sala de aula, sabe o que pretende realizar e aonde quer chegar, isto é, ele tem em mente, ainda que de forma implícita, os objetivos que quer atingir.

Entretanto, para atingir efetivamente seus objetivos, é preciso que ele realize vários processos didáticos coordenados entre si, tais como o planejamento, a direção do ensino da aprendizagem e da avaliação (LIBÂNEO, 1994). É preciso levar em consideração, ainda, questionamentos relacionados aos objetivos, tais como: o que ensinar? Para que ensinar? Como ensinar? Para quem ensinar?.

Vejamos agora a importância do objetivo no planejamento escolar. Nesse momento, vamos discorrer sobre o estudo dos objetivos, seu conceito e suas características.

Objetivos

É impossível desvincular a prática educativa dos objetivos, uma vez que a prática educacional busca direção nos objetivos por meio de uma ação sistêmica e intencional. Ao planejar uma aula, toda escolha de objetivos carrega consigo fundamentos políticos e sociais. Como diz Zabala (1998, p. 27), "um modo de determinar os objetivos ou finalidades da educação consiste em fazê-lo em relação às capacidades que se pretende desenvolver nos alunos." Por isso, precisamos saber, antes de tudo, que tipo de cidadão queremos formar, que concepção de ensino embasa nossa prática docente.

Os objetivos carregam consigo propósitos definidos e têm por finalidade preparar o docente a estabelecer metas a serem alcançadas. Nesse sentido, "os objetivos antecipam resultados e processos esperados do trabalho do professor e dos alunos [...]" (LIBÂNEO, 1994, p. 119). Além disso, exigem do professor um posicionamento reflexivo, levando-o a questionamentos de sua própria prática.

Para que esse processo aconteça de forma coerente e sistemática, precisamos definir os objetivos de acordo com seus propósitos, dos mais amplos, denominados objetivos gerais, aos mais específicos, que

se destinam aos alunos, pois, dessa forma, os professores terão um guia que orienta a prática pedagógica, dando norte ao processo educativo.

Haydt (2006, p. 114) apresenta os objetivos educacionais em dois níveis:

> **Objetivos gerais** – São aqueles previstos para um determinado grau ou ciclo, uma escola ou uma certa área de estudos, e que serão alcançados a longo prazo.
>
> **Objetivos específicos** – São aqueles definidos especificamente para uma disciplina, uma unidade de ensino ou uma aula. Consistem no desdobramento e na operacionalização dos objetivos gerais.

Nesse sentido, concluímos que os objetivos gerais são diretrizes para uma ação pedagógica a longo prazo. Os específicos, por sua vez, definem de forma mais direta o processo de ensino-aprendizagem, pois desdobram o objetivo maior a fim de alcançá-lo.

Devemos atentar ainda para os níveis de abrangência dos objetivos gerais que devem ser considerados do mais amplo aos mais específicos. Antes de o professor traçar seus objetivos gerais e suas implicações

para seu trabalho em sala de aula, é preciso levar em consideração os objetivos estabelecidos pelo sistema escolar de ensino e as diretrizes da própria instituição escolar. Haja vista que esses documentos expressam finalidades educativas, princípios e diretrizes de orientação do trabalho docente. Nessa direção, faz-se necessário compreender que concepções de homem, de sociedade e de ensino esses documentos caracterizam, pois, assim, o docente terá um fio condutor na reflexão de sua prática.

Para que a compreensão fique mais clara, iremos exemplificar a seguir.

Digamos que fôssemos ministrar uma aula com o tema “Tendências Pedagógicas na Educação Brasileira”. Nela, poderíamos traçar o seguinte **objetivo geral**:

a) Compreender a evolução histórica das tendências pedagógicas brasileiras, perpassando pelas diferentes dimensões que organizam o trabalho docente.

Percebam que o objetivo geral fornece subsídios para a prática educativa docente, é amplo e com resultados a serem atingidos a longo prazo. Para tanto, faz-se necessário desdobrá-lo em objetivos específicos.

Na sequência do planejamento, digamos que fossem estabelecidos os seguintes **objetivos específicos**:

a) conhecer a evolução histórica das tendências pedagógicas brasileiras;

b) identificar as principais características das tendências pedagógicas brasileiras;

c) analisar, a partir das tendências, os determinantes históricos do fazer docente;

d) entender que o projeto de educação, a forma de organização de funcionamento da escola, bem como a ação didática dos professores assumiram diferentes propósitos no decorrer do tempo;

e) investigar concepções que norteiam as práticas educativas de professores, utilizando-se do conhecimento das tendências pedagógicas, de modo a relacioná-las com sua área de conhecimento.

f) Possibilitar uma leitura crítica da prática pedagógica e redimensioná-la em função das características das tendências pedagógicas e de seu papel na formação e atuação docente.

Observem que é por meio do desdobramento dos objetivos específicos que podemos perceber uma ação a curto e médio prazos. E neles descrevemos o que esperamos do aluno, porque o foco é nele e não no professor. Observem também que cada objetivo específico descreve um resultado de aprendizagem por vez.

Assim, os objetivos, sejam eles gerais ou específicos, são a base para a organização e para a sistematização do trabalho docente, pois têm um caráter orientador que norteia a prática pedagógica.

Conteúdos

Libâneo (1994) diz que se perguntássemos aos professores o que são conteúdos de ensino, eles provavelmente responderiam que são conhecimentos de cada componente curricular transmitidos aos alunos. Nesse sentido, dar conteúdos é transmitir a matéria do livro didático. O autor afirma ainda que esta ideia não estaria totalmente errada. Entretanto, primeiro temos de compreender que no ensino existem três elementos – a matéria, o professor e o aluno. E que eles não devem ser

pensados de forma linear, estanque e fragmentada. Se seguirmos essa ótica, o ensino passa a ser utilizado como uma ação mecânica, em que o professor transmite o conteúdo e o aluno absorve a matéria, responde exercícios e reproduz o que foi trabalhado pelo docente.

Sob esse ponto de vista, os conteúdos de ensino se tornam estáticos, rígidos e sem significado, o que, por sua vez, priva o desenvolvimento das capacidades e habilidades dos alunos. Se pensarmos por outro ângulo, no entendimento que a matéria, o professor e o aluno estabelecem relações recíprocas entre si e com o ensino de conteúdos, chegaremos à conclusão de que os conteúdos vão além da matéria estabelecida no currículo e repassada em sala de aula.

Pensando sob essa perspectiva, Libâneo (1994, p. 128) afirma que,

> Através do ensino criam-se as condições para a assimilação consciente e sólida de conhecimentos, habilidade e atitudes e, nesse processo, os alunos formam suas capacidades e habilidades intelectuais para se tornarem, sempre mais, sujeitos da própria aprendizagem.

Desse modo, não basta selecionar, organizar e transmitir os conteúdos, é preciso torná-los significativos, funcionais. Para tanto, faz-se necessário trazer à sala de aula questões presentes no cotidiano do aluno, que vão possibilitar a reflexão sobre o meio em que se encontra, levando-o a agir como construtor e transformador da própria realidade. Assim,

> os conteúdos de ensino são o conjunto de conhecimentos, habilidades, hábitos, modos valorativos e atitudinais de atuação social, organizados pedagógica e didaticamente, tendo em vista a assimilação ativa e aplicação pelos alunos na sua prática de vida (LIBÂNEO, 1994, p. 128).

Eles englobam conceitos, ideias, fatos, leis e regras que são expressos em programas, estruturas curriculares, livros didáticos, planos de ensino e de aulas. Enfim, são organizados de forma dinâmica em matérias de ensino e articulados aos objetivos e métodos que dependerão das condições em que ocorre o processo de ensino.

Método

Para que o processo de ensino aconteça de forma eficaz, é preciso realizar um trabalho sistematizado e planejado, em que objetivos, conteúdos, métodos e formas de organização estejam bem concatenados.

A escolha do método deve estar relacionada à necessária unidade entre objetivos-conteúdos-métodos e formas de organização do ensino e das situações didáticas que se apresentam. Assim, o método é a forma de organização de ensino do professor, a fim de alcançar os objetivos, isto é, o meio pelo qual se atingem os objetivos.

Sob essa perspectiva, Haydt (2006) afirma que, ao escolher o procedimento de ensino, é preciso considerar sua adequação aos objetivos, à natureza dos conteúdos, às características dos alunos e às condições disponíveis.

> Em virtude da necessária vinculação dos métodos de ensino com os objetivos gerais e específicos, a decisão de selecioná-los e utilizá-los nas situações didáticas específicas depende de uma concepção metodológica mais ampla do processo educativo (LIBÂNEO, 1994, p. 150).

Portanto, um método que permita ao aluno refletir sobre sua realidade, construir e reconstruir seu conhecimento, desenvolvendo as capacidades e habilidades necessárias, é um método que colabora satisfatoriamente com o processo educativo.

Assim, é importante que os docentes organizem e selecionem seus métodos alinhados à luz de seus objetivos e conteúdos, identificando, assim, qual o método mais adequado para atingir seus objetivos. Dentre os métodos a serem selecionados, podemos destacar alguns apresentados por Libâneo (1994): método de exposição pelo professor, método de trabalho independente, método de elaboração conjunta, método de trabalho em grupo.

Avaliação

O processo educativo bem planejado não pode deixar de ser avaliado, pois a avaliação é uma tarefa que deve ser contínua no trabalho docente. É por meio dela que é possível obter resultados durante todo o processo e verificar se os objetivos traçados, no planejamento da aula, foram atingidos de forma satisfatória. Nesse sentido, que tipo de avaliação deve embasar nossa prática pedagógica? Uma avaliação reprodutora das informações adquiridas, que fragmenta o conhecimento do aluno não o levando a pensar de forma crítica e reflexiva? Ou uma avaliação que faz parte de todo o processo educativo, que compreende a realidade vivenciada e é instrumento transformador da consciência política e social de cada indivíduo?

É claro que, quando pensamos em formar o indivíduo com base na formação humana integral, a avaliação alinhada a essa concepção de ensino deve propiciar o desenvolvimento das capacidades e habilidades intelectuais e deve estar alinhada à emancipação e transformação social e política de cada ser humano.

Sabemos que avaliar é uma tarefa complexa, mas não devemos nos deixar levar por concepções arcaicas, segundo as quais se entende que avaliar é realizar provas, trabalhos, atribuir notas, passar ou reprovar o aluno. O conceito de avaliação está ligado a uma concepção pedagógica muito mais ampla e depende da postura filosófica de cada professor.

VAMOS REFLETIR?

Há professores, por exemplo, que veem a avaliação como arma de tortura, outros a veem como um instrumento pontual, em que o aluno é avaliado apenas no momento da prova, desconsiderando o processo avaliativo contínuo. Ainda há aqueles que a entendem como elemento classificatório e seletivo, preocupando-se apenas com a nota final, que levou o aluno a ser aprovado ou não.

"Em termos gerais, a avaliação é um processo de coleta e de análise de dados, tendo em vista verificar se os objetivos propostos foram atingidos. [...]" (HAYDT, 2006, p. 288). Desse modo, temos que nos preocupar muito mais com o processo do que com o fim. Não devemos deixar que as provas sejam supervalorizadas em detrimento das observações diárias.

Para tanto, devemos verificar a aprendizagem por meio da análise das funções do processo avaliativo. Segundo Haydt (2006), esse processo admite as funções:

a) diagnóstica: aquela realizada no início do ano letivo, para verificar os conhecimentos prévios dos alunos sobre os conteúdos a serem estudados. Nessa avaliação, é possível determinar por onde o professor deve começar os conteúdos, quando devem ser retomados e quando é possível introduzir o conteúdo novo, além de identificar se os alunos avançaram na aprendizagem após determinado tempo de ensino-aprendizagem;

b) formativa: ao verificar na avaliação diagnóstica o nível de conhecimento dos alunos em relação à matéria e que habilidades devem ser desenvolvidas, é preciso que, à medida que esses conhecimentos vão sendo avançados, eles sejam constantemente avaliados. Conforme os alunos forem alcançando os objetivos previstos, o professor vai avançando no conteúdo. Caso as metas não tenham sido atingidas, o professor precisa reorganizar novas situações de aprendizagem para dar a todos condições de êxito nesse processo. Essa forma de avaliar é denominada avaliação formativa.

c) somativa: a avaliação é utilizada com o propósito de atribuir ao aluno uma nota ou conceito final para fins de promoção. Isso acontece quando o sistema escolar seriado propõe que o aluno seja promovido de uma série para outra de acordo com o aproveitamento dos componentes curriculares estudados.

Como observamos, as três funções da avaliação que estudamos devem estar presentes nas práticas pedagógicas do professor. No entanto, o docente deve ser consciente dos propósitos de cada avaliação, que deve estar em conformidade com os objetivos propostos e ser um elemento pedagógico capaz de contribuir para a aprendizagem do aluno.

Síntese da unidade

Nesta Unidade Didática, aprendemos que a educação deve estar pautada em um processo de formação para a cidadania, emancipação e transformação social dos sujeitos. Para isso, a função social da escola deve se embasar em uma formação que considere o desenvolvimento do indivíduo em todas as suas dimensões humanas, visando formar um cidadão independente, crítico e partícipe do meio no qual está inserido. Vimos que esse processo educativo depende de um trabalho docente bem planejado e organizado. Desse modo, compreender os elementos que constituem o planejamento e que norteiam o seu trabalho pedagógico é essencial para se atingir o objetivo a que se quer chegar. Compreendemos ainda que a prática educativa está vinculada aos objetivos, que dá direção a uma ação sistêmica e intencional, e que os conteúdos, os métodos e a avaliação devem ser selecionados sempre no intuito de se atingir os objetivos. Isto é, todos os elementos constitutivos do planejamento devem estar correlacionados aos objetivos a que se pretende alcançar.

Leituras complementares

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 49. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa**: como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998. Confira a resenha: http://files.gpecea-usp.webnode.com.br/200000333-aa0f9aa8a6/AULA%204-%20TEXTO%206-%20TRANSPOSICAO%20DIDATICA%20OU%20RECONTEXTUALIZACAO.pdf.

Avaliação de aprendizagem

Quando o professor é consciente do processo educativo, ao planejar sua aula, precisa levar em consideração os seguintes questionamentos: O que ensinar? Para que ensinar? Como ensinar? E para quem ensinar?

Tais questionamentos indicam que os objetivos, para serem atingidos, faz-se necessário um planejamento com seus elementos bem coordenados e organizados. Desse modo, para refletir de forma prática sobre os elementos que constituem o planejamento, você vai observar

entre três a quatro aulas de um professor que atue na Educação de Jovens e Adultos - EJA e solicitar que esse docente disponibilize o plano que ele utiliza para a realização de suas aulas. Com o plano em mãos, você irá realizar uma análise crítica e reflexiva, com atenção aos pontos postos abaixo.

1. A organização da sala de aula – cadeiras enfileiradas, círculo, semicírculo ou outra forma de organização.

2. A Relação professor-aluno – interação da turma, dialógica?

3. A abordagem que é possível destacar na prática pedagógica do professor – Tradicional, Pedagogia Renovada, Tecnicista, Libertária, Libertadora, Crítico- Social dos Conteúdos?

4. A Organização da prática por meio dos planos - o plano anual, bimestral, plano de aula. O professor utiliza todos?

5. Com o plano em mãos, analise os seguintes pontos:

   a) a partir dos estudos dos elementos constitutivos do planejamento, o plano utilizado pelo professor tem objetivo geral bem traçado e possível de ser alcançado?

b) os objetivos específicos permitem alcançar os caminhos para chegar ao objetivo geral?

c) que conteúdos foram trabalhados?

d) qual a metodologia utilizada? Ela permite o alcance dos objetivos?

e) qual a concepção de avaliação do professor? Que tipo de avaliação é utilizada em suas aulas? A partir da avaliação utilizada, é possível perceber o alcance dos objetivos?

Após analisar todos os pontos supracitados, você irá assistir às aulas do professor e analisar se a aula está condizente com o plano e se os elementos que constituem o plano estão correlacionados entre si.

É preciso ainda analisar se o professor traçou objetivos, se tais objetivos são geral e/ou específicos, se os conteúdos, o método de ensino e a avaliação foram bem selecionados e se permitem alcançar os objetivos traçados.

Por fim, você irá elaborar um comentário tecendo suas considerações acerca da geração de dados por meio das aulas assistidas.

Referências

COMÊNIUS, Johannes Amos. **A didática magna**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FARIAS, Isabel Maria Sabino de; SALES, Josete de Oliveira Castelo Branco; BRAGA, Maria Margarete de Sampaio Carvalho; FRANÇA, Maria do Socorro Lima Marques. **Didática e docência:** aprendendo a profissão. Brasília: Liber, 2009.

FRANCO, Maria Amélia; PIMENTA, Selma Garrido. **Didática:** embates contemporâneos. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários a prática docente. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1996.

HAYDT, Regina Célia Cazaux. **Curso de didática geral**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2006.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática:** velhos e novos temas. [São Paulo]: Edição do Autor, 2002.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da Escola Pública**. São Paulo: Loyola, 1990.

MAIA, Christiane Martinatti; SCHEIBEL, Maria Fani; URBAN, Ana Claudia. **Didática:** organização do trabalho pedagógico. Curitiba: IESDE Brasil, 2009.

MASETTO, Marcos Tarciso. **Didática:** a aula como centro. 4. ed. São Paulo: FTD, 1997.

PEREIRA, Júlio Emílio Diniz. **Formação de professores:** pesquisa, representação e poder. Belo Horizonte: Autêntica, 2007

PILETTI, Claudino. **Didática geral**. 24. ed. São Paulo: Ática, 2010.

SAVIANI, Demerval. **Escola e democracia**. 42. ed. São Paulo: Autores Associados, 2012.

TAVARES, Rosilene Horta. **Didática geral**. Belo Horizonte: Editora, UFMG, 2011.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa:** como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998.

Glossário

Pedagogia: é um campo de conhecimento que investiga a natureza das finalidades da educação numa determinada sociedade, bem como os meios apropriados para a formação dos indivíduos, tendo em vista prepará-los para as tarefas da vida social. (LIBÂNEO, 1994, p. 24). Isto é, uma ciência que estuda de forma sistemática a educação, a instrução e o ensino, por meio da qual se reflete sobre a práxis educativa.